



Alto-falantes em Teresina: De alternativa de comunicação à comunicação alternativa

Daniel Vasconcelos Solon, Leila Lima de Sousa, Pollyanna Carvalho e Samara Kelly A. Costa²

Universidade Estadual do Piauí

Resumo

O presente trabalho trata sobre o uso do sistema de alto-falantes (amplificadoras ou rádios populares) em Teresina, em dois contextos distintos. No primeiro momento, os alto-falantes atuaram como antecessores da radiodifusão em Teresina nas décadas de 1930 e 1940 e, nos anos 1980, como meio de comunicação alternativo, no processo de redemocratização do país. O artigo mostra rupturas e continuidades no que se refere às amplificadoras em Teresina, propondo novos estudos para entender o início do processo de democratização dos meios de comunicação no Estado, até a década de 1980.

Palavras-chave

Comunicação alternativa; alto-falantes; rádio.

Introdução

Os serviços de alto-falantes, ou amplificadoras, ocuparam papel de destaque no que se refere à comunicação social em Teresina nas décadas de 1930, 1940 e 1950 do século passado. Antes de a radiodifusão ser inaugurada na capital piauiense no ano de 1948, com a Rádio Difusora de Teresina, os alto-falantes instalados nos postes e em galhos de árvores das praças do centro da capital piauiense reinavam absolutos.

Até o início da década de 1950, através dos alto-falantes, as pessoas que circulavam pelo centro da cidade durante o dia escutavam ofertas de produtos do comércio, notícias, avisos (prestação de serviços). À noite, as amplificadoras – que imitavam o funcionamento de emissoras de rádio – também animavam os passeios dos jovens na praça Pedro II, onde era possível oferecer músicas de “fulano para beltrano”.

Para o jornalista Carlos Said, veterano na comunicação no Piauí, as amplificadoras foram verdadeiras escolas para os profissionais que posteriormente se destacaram nas estações de rádio no Estado. Ele mesmo chegou a atuar como locutor de

¹Trabalho apresentado no Intercom Junior, na divisão temática de jornalismo, do XI Congresso de Ciências da Comunicação da Região Nordeste.

²Respectivamente: Professor de Comunicação Social da Universidade Estadual do Piauí – Campos Poeta Torquato Neto, Teresina-PI; alunas do 6º bloco de Comunicação Social (habilitação em jornalismo) da Universidade Estadual do Piauí – Campos Poeta Torquato Neto, Teresina-PI.



serviço de alto-falante, mais precisamente na Amplificadora Teresinense, que funcionava na Praça Pedro II:

Eu sou da pré-história do rádio, isso nos anos 40. Em 1948 eu tinha 16 pra 17 anos. E eu comecei nas amplificadoras, isso com idade de 12 pra 13, 14 anos aproximadamente. [...] Era um trabalho mais artesanal do que propriamente técnico-profissional. Era o que a gente chamava de aprendizado. [...] Então a Amplificadora Teresinense exatamente era o aprendizado que a gente iria ter e teve de fato e de direito para se projetar na Rádio Difusora. (SAID, 2005)

Em 1952, quando a capital comemorava o primeiro centenário de existência, o discurso do “progresso” já não permitia que os serviços de alto-falantes funcionassem na área central da cidade, pondo fim à concorrência por anúncios publicitários entre as amplificadoras e a Rádio Difusora de Teresina, naquele momento, recém-adquirida pelo grupo Diários Associados, do magnata da comunicação Assis Chateaubriand.

Uma lei municipal foi aprovada às vésperas das comemorações do centenário da cidade, proibindo o funcionamento de serviços de alto-falantes na área central da cidade. As amplificadoras, no entanto, espalharam-se na periferia de Teresina, onde raramente algum morador possuía aparelho receptor de rádio. Se até a chegada da Rádio Difusora as amplificadoras eram o rádio possível na capital piauiense, a partir de então foram questionadas no centro da cidade, mas tendo acolhida nos bairros pobres de Teresina.

Já na década de 1970, as emissoras de rádio de Teresina (as mais importantes sendo a Rádio Difusora, Rádio Clube do Piauí e Rádio Pioneira, criadas respectivamente em 1948, 1960 e 1962) passaram a concorrer, gradualmente, com a TV Rádio Clube, inaugurada no Piauí em 1972. A primeira emissora de televisão piauiense surgiu no contexto de incentivo da Ditadura Militar à expansão da recepção da televisão, “encarada como instrumento estratégico desde o primeiro momento do novo regime” (SIMÕES, 2000, p. 69).

A perda de força do rádio ocasionada pelo processo de massificação da televisão também afetou o funcionamento das amplificadoras pertencentes a comerciantes, na periferia, que não tinham como “concorrer com as telenovelas” durante a noite, como foi o caso da amplificadora “A Nordestina”, do comerciante Antônio de Pádua Carvalho Freitas, no bairro Parque Piauí. Freitas (2004) já tinha atuado com amplificadoras desde o final da década de 1940, no bairro popular Vermelha (zona sul).

O serviço de alto-falante Tamandaré, do Morro da Esperança, da zona norte de Teresina, por exemplo, foi outra amplificadora que deixou de existir no cenário de



popularização da televisão em Teresina. A Tamandaré funcionou por toda a década de 1960 e teve fim na década de 1970. Ela ia “ao ar” às 18h e encerrava a programação às 21h. Durante essas três horas, as cornetas colocavam no ar músicas e mensagens da comunidade.

As músicas tocadas nas amplificadoras eram solicitações das pessoas do bairro, que o faziam através de cartas, ou diretamente na cabine onde ficava o locutor. Para manter o sistema de alto-falantes financeiramente, era cobrada uma quantia simbólica para irradiar as músicas pedidas pelos ouvintes e as mensagens que eles desejavam. Além disso, a rádio fazia pequenos anúncios de comércios do bairro, de acordo com o dono da amplificadora, João Lourival de Oliveira, o “Baldracc”. Para manter o sistema de alto-falantes financeiramente, era cobrada uma quantia simbólica para por no ar as músicas pedidas pelos ouvintes e as mensagens que eles desejavam. Além disso, a rádio fazia pequenos anúncios de comércios do bairro. Oliveira (2008) afirma que a rádio “não tinha noticiário, quem fazia a programação era a comunidade que pedia músicas e lia mensagens. E no dia do aniversário de alguém importante no bairro a programação era voltada para essa pessoa”.

No processo de reabertura política no país, no entanto, houve uma retomada na utilização dos serviços de alto-falantes na periferia de Teresina, desta vez por setores de movimentos sociais que iniciavam a luta contra a “carestia” e, por conseguinte, ao regime militar. Nos anos de 1980, a criação de várias amplificadoras em vilas e favelas da zona sul de Teresina, incentivada por padres italianos da paróquia do Conjunto Habitacional Parque Piauí (zona sul), tornou-se um momento chave para se perceber a utilização dos serviços de alto-falantes como instrumentos da comunicação alternativa. Tais sistemas de alto-falantes não eram de propriedade de uma pessoa, de um pequeno comerciante, e sim de entidades ligadas à comunidade, como associações de moradores.

A comunicação alternativa, a partir da sociedade civil organizada, surge em meio à população marginalizada com o objetivo de dar voz a esse público, já que os meios de comunicação massivos não se propõem a isso. Ou seja, os grandes meios não dão a essa parcela da sociedade o direito de uma participação ativa. A comunicação alternativa nasce se opondo ao monopólio da comunicação e resgata “o verdadeiro espírito comunitário de solidariedade, ajuda mútua, organização, participação e luta por objetivos comuns.” (Neumann, p. 39, 1991).



A luta pela democratização de acesso aos meios de comunicação

Como a população da periferia de Teresina, no início da década de 1980 não tinha acesso aos meios de comunicação massivos para reivindicar melhorias urbanas e lutar contra a carestia e por melhores condições de vida, os alto-falantes ressurgem como instrumento de luta da qual os setores mais explorados da sociedade são protagonistas. Quando há a participação da população nos meios alternativos, a comunicação é denominada participativa. A comunicação alternativa é caracterizada como capaz de fazer com que os produtores gerem e intercambiem suas próprias mensagens, criem conhecimento e compartilhem sentimentos, organizem-se e adquiram poder coletivo, resolvam seus problemas comuns e contribuam para a transformação da estrutura social (Bordenave, apud FREITAS, 2008).

Mesmo com o fim da ditadura, os movimentos sociais continuaram ganhando força na periferia de Teresina, onde a questão da reforma urbana, ou seja, a luta por moradia, foi uma das principais bandeiras. Além de setores da Igreja Católica ligados à Teologia da Libertação – que agrupava católicos militantes ligados à esquerda –, entidades como o Centro Piauiense de Ação Cultural (Cepac) e Centro de Estudos Alternativos (CEA, do bairro Parque Piauí) investiram na década de 1980 em formação de comunicadores populares para atuarem na periferia de Teresina, através dos sistemas de alto-falantes, bem como de outros meios, como boletins impressos.

A intervenção do Cepac e do CEA no que diz respeito às rádios populares não se dava de forma aleatória. Estas entidades, com dirigentes na época com estreitas relações com o à época recém-criado Partido dos Trabalhadores (PT), viam na comunicação popular uma ferramenta de organização das comunidades e de aumento do nível de consciência política entre a população, conforme documento, não datado, intitulado “A rádio popular a serviço da comunidade”:

Enquanto a sociedade civil (Sindicatos, Associações de Bairros, Centrais Sindicais, Partidos Políticos e Associações Sem fins lucrativos) não tiverem (sic) o controle dos meios de comunicação de massa é preciso que usemos de criatividade para divulgar as lutas das organizações populares, a defesa de direitos coletivos e individuais dos trabalhadores. Entre os meios alternativos e democráticos de comunicação, está a rádio popular (também chamada de Amplificadora, auto-falante) (sic) de fácil acesso as comunidades. Quando bem trabalhado, com uma boa dose de criatividade podemos melhorar o nível de consciência do povo. (CEPAC, s.d)



Tal documento era, na verdade, uma espécie de cartilha que servia de apoio aos cursos de preparação de comunicadores populares promovidos pelo Cepac, em parceria com outras entidades como associações de moradores, sindicatos e igreja.

O material tratava desde a justificativa da necessidade de se investir na rádio popular, discorrendo também pelos objetivos de tal investimento, os equipamentos necessários, organização da programação, modelos de programas e sua estruturação, bem como um tipo de manual de redação sobre notícia popular e a forma como esta deveria ser comunicada pelos apresentadores para facilitar a compreensão da audiência.

Sobre os objetivos de um programa popular, um dos principais, segundo o documento-cartilha:

É estimular o povo a participar das organizações. Promover troca de experiências, fazer o povo compreender melhor a realidade que vive, estimular o debate, a discussão em torno de problemas sociais, valorizar a cultura popular, o lazer, atividades recreativas. (CEPAC, op. cit, p.1)

Quanto a estrutura necessária para funcionar o sistema de som de alto-falante e a necessidade de envolvimento da comunidade sobre esta forma de comunicação alternativa, o documento traz que:

[...] a instalação de uma rádio popular não é tão difícil. Faz-se necessário despertar o interesse dos grupos populares do bairro ou vila, povoado pela idéia. Geralmente as entidades populares recorrem a bingos, rifas, leilões, solicitação de apoio a prefeitura ou mesmo a realização de um projeto que vise a aquisição dos equipamentos. Os equipamentos são: 01 Amplificador, 01 gravador, 01 toca-discos, 02 microfones, 04 unidades Sedan, 04 cornetas, 01 caixa de som amplificada. (Idem)

Antes do ápice de movimento pela legalização das rádios comunitárias na década de 1990, era através dos serviços de alto-falantes que se fazia a “democratização do ar” em Teresina. Experiências como a “Rádio Popular Bandeirantes”, da Vila Bandeirantes (zona leste de Teresina) e “Rádio Liberdade”, na região do Grande Dirceu (zona sudeste), nos anos 1980, devem ser mais estudadas como momentos importantes na luta pela democratização da comunicação no Piauí, tendo em vista que elas posteriormente deixaram de ser serviços de alto-falantes e se tornaram rádios comunitárias (tipo FM). A rádio FM Liberdade, por exemplo, foi legalizada depois de vários anos de luta e atualmente é de responsabilidade da Associação de Moradores do Itararé (AMI), bairro também chamado de Dirceu Arcoverde.



Ancelmo Oliveira Dias, um dos principais idealizadores da rádio popular Liberdade em sistema de alto-falantes do Dirceu e o então presidente da AMI, participou em 1982 da campanha de Wall Ferraz para deputado federal, o qual tinha suas propostas divulgadas por quatro alto-falantes instalados em um carro que rondava a cidade. Após as eleições daquele ano, Dias ganhou duas dessas quatro bocas e um pequeno amplificador e a partir daí surgiu a idéia de usar o material em benefício da associação de moradores.

Segundo Ancelmo Dias, a princípio, esse sistema de alto-falantes era colocado em uma bicicleta que rondava as ruas do Dirceu passando mensagens para a população.

Eu ganhei as bocas, mas tinha um problema, eu não tinha um carro no qual instalá-las. A solução foi coloca-las em uma bicicleta, com a qual saíamos de rua em rua, ligando na energia de casas. Quando passávamos a mensagem que queríamos passar naquela área, pegávamos a bicicleta e íamos para outro lugar. Fizemos isso durante uns dois anos (DIAS, 2008).

Depois disso, foi montado um sistema de alto-falantes mais completo. Foram conseguidas mais duas bocas e um amplificador mais potente. Esse sistema foi montado em um poste na AMI. A partir daí as cornetas passaram a transmitir uma programação durante todo o dia, com programas educativos, musicais, de denúncia social e de atendimento ao público. De acordo com Ancelmo Dias, a rádio divulgava as atividades da igreja, achados e perdidos, mais o principal foco era a denúncia social como a falta de vagas em escolas públicas, o precário atendimento nos hospitais da cidade, dentre outros.

A relação entre emissor e receptor não era sempre cordial. Havia os ouvintes que participavam da programação da rádio realizando pedidos de músicas e fazendo denúncias sobre a situação precária do bairro. Outros ouvintes tinham uma postura agressiva com quem fazia a rádio por causa do barulho causado pelos alto-falantes, apesar deles terem sido instalados em um local pouco povoado:

Certa vez um morador das proximidades das cornetas invadiu a rádio com um facão para tentar agredir o locutor. Depois disso a rádio ficou fechada, voltando a funcionar algum tempo depois, dessa vez como uma rádio comunitária FM (DIAS, 2008).



Por não darem a opção do “silêncio” às pessoas que não desejam ouvir a programação irradiada pelos alto-falantes, contraditoriamente as amplificadoras carregam consigo uma característica autoritária (Cogo, 1998). Outro risco é o de não propiciar de fato uma pluralidade de vozes, quando sua programação e participação fica restrita a um pequeno número de pessoas da comunidade.

Prestação de serviços

De acordo com Cogo (op.cit, p. 81), muitas rádios populares vêm se mantendo no ar por períodos prolongados com uma programação voltada exclusivamente para a utilidade pública. O sistema de alto-falantes “Voz do Promorar” surgiu em 1983, pela iniciativa do comerciante Damásio Ferreira de Sousa, no conjunto Promorar (zona sul). O objetivo da amplificadora, de acordo com Sousa (2008), é justamente prestar serviços à comunidade.

A “Voz do Promorar”, desde seu início até hoje, funciona de segunda a sábado das seis às sete horas da manhã, mas pode “entrar no ar” a qualquer momento, de acordo com as necessidades da comunidade. Damásio Sousa se inspirou nos alto-falantes com que teve contato durante sua estada no estado do Pará, mais especificamente nos garimpos. As amplificadoras nesses locais serviam para dar avisos e reunir as pessoas que trabalhavam nas minas de ouro. A “Voz do Promorar” tem como locutor o próprio Damásio Ferreira de Sousa. Ele lê notícias de jornais e dá informes da associação de moradores, creches, campanhas de saúde e avisos da igreja.

Conclusões

Os serviços de alto-falantes ou amplificadoras foram utilizados de diferentes formas ao longo das últimas décadas em Teresina. Apesar de serem uma forma de comunicação com uso de tecnologia bastante simples se comparada com os avanços da “era digital”, ainda resiste na periferia da cidade. Mesmo com o advento da chamada “era virtual”, através da internet, os serviços de alto-falantes ainda podem ser percebidos na periferia de Teresina, em bairros como Vila da Paz, Parque Piauí e Promorar (zona sul) e Matadouro (zona norte).



Estudar as amplificadoras nos ajudam a entender o cenário da comunicação desde a “era do rádio” , nos anos 40, e posteriormente o contexto de luta pela redemocratização do país, como instrumento mobilizador dos movimentos comunitários e pela democratização da mídia no país.

REFERÊNCIAS:

- CEPAC - Centro Piauiense de Ação Cultural. A rádio popular a serviço da comunidade. Documento da biblioteca do Cepac, mimeo, sem data, Teresina, Piauí.
- COGO, Denise Maria. *No ar... uma rádio comunitária*. São Paulo: Paulinas, 1998.
- DIAS, Ancelmo. Bairro Dirceu (Teresina – PI), 30 set.2008. Entrevista concedida a Pollyanna Carvalho.
- FREITAS, Antônio de Pádua Carvalho. Comerciante, 77 anos. Entrevista cedida a Daniel Solon em 28 de dezembro de 2004.
- FREITAS, Francisco. Rádio Poste União: A comunicação popular a serviço da saúde e da cidadania em Maceió.
Disponível em:
<www.comunicasaude.com.br/rev_artigos2artigosfranciscofreitas.html>
Último acesso em junho de 2008.
- NEUMANN, Laurício. *Educação e comunicação alternativa*. Petrópolis: Vozes, 1991.
- OLIVEIRA, João Lourival. Bairro Morro da Esperança(Teresina – PI), 15 out. 2008. Entrevista concedida a Pollyanna Carvalho e Daniel Solon.
- SAID, Carlos. Radialista, professor aposentado, 77 anos. Entrevista cedida a Daniel Solon em 04 de janeiro de 2005.
- SIMÕES, Inimá. Nunca fui santa (episódios de censura e autocensura). In: BUCCI, Eugênio & HAMBURGER, Esther (org.). *A TV aos 50: criticando a televisão brasileira no seu cinquentenário*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000.
- SOLON, Daniel Vasconcelos. O eco dos alto-falantes: memória das amplificadoras e sociabilidades na Teresina de meados do século XX. Teresina, UFPI, 2006. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação de História do Brasil.
- SOUSA, Damásio Ferreira. Bairro Promorar (Teresina – PI), 24 jun. 2008. Entrevista concedida a Pollyanna Carvalho e Leila Sousa.



- URIBE, Esmeralda Villegas. Alto falantes: formas autônomas de expressão e de desenvolvimento social. [online]. Disponível em: <www.eca.usp.br/alaic/Congreso1999/15gt/Esmeralda%20Villegas.rtf> Último acesso em agosto de 2007.